



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**  
**CAMPUS SOBRAL**

**MATHEUS ROMÁRIO CORREIA MONTENEGRO**

**A SAUDADE:**  
**ENTRE A NATUREZA FENOMÊNICA E O ONTOLOGISMO**  
**CULTURAL**

**SOBRAL - CE**

**2018**

**MATHEUS ROMÁRIO CORREIA MONTENEGRO**

**A SAUDADE:  
ENTRE A NATUREZA FENOMÊNICA E O ONTOLOGISMO CULTURAL**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Ceará - UFC,  
*Campus* Sobral, como parte das exigências para obtenção do  
título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Me. Alex Viana de Brito

SOBRAL - CE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- M1s**      **MONTENEGRO, Matheus Romário Correia.**  
A Saudade: : entre a natureza fenomênica e o ontologismo cultural / Matheus Romário Correia  
**MONTENEGRO. – 2018.**  
37 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,  
Curso de Psicologia, Sobral, 2018.  
Orientação: Prof. Me. Alex Viana de Brito.
1. Saudade. 2. Fenomenologia. 3. Consciência Saudosa. 4. Ideologia Cultural. I. Título.

CDD 150

---

**MATHEUS ROMÁRIO CORREIA MONTENEGRO**

**A SAUDADE:  
ENTRE A NATUREZA FENOMÊNICA E O ONTOLOGISMO  
CULTURAL**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Ceará - UFC, *Campus* Sobral, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

---

Matheus Romário Correia Montenegro

Data de aprovação: Sobral - CE, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Alex Viana de Brito, Me.

(Orientador – Universidade Federal do Ceará – UFC, *Campus* Sobral)

---

Léo Mackellene Gonçalves de Castro,  
Me.

(Membro 1 – Faculdade Luciano Feijão - FLF)

---

João Silveira Muniz Neto, Me.

(Membro 2 – Instituto Superior de Tecnologia Aplicada - INTA)

*Às minhas irmãs e aos meus amabilíssimos queridos Zé Moaci e Dona Pretinha, àqueles a que destinaram seu tempo e carinho às lembranças de nós e me enviaram saudades suas tão quanto os enviei as minhas.*

## **AGRADECIMENTOS**

Sinto-me eternamente grato a todos os deuses, por quem eu destinara minhas súplicas e orações a favor do tempo, do silêncio e do sossego. Agradeço com carinho, saudades e admiração tamanha aos meus pais José Moaci Montenegro e Herotides Correia Lima Montenegro por me serem lindas lembranças de sorrisos e abraços, aconchego e alento. Às minhas pequenas irmãs por quando quis estar perto. Agradeço à professora Me. Camilla Lopes Araújo Vieira, que tenho como referência profissional, por sempre me iluminar tanto quanto me inquieta a pensar. Agradeço de coração aberto e expansivo ao dia em que, em uma das primeiras aulas de Saúde Pública, me perguntara “O que te afeta?”. Logo, instantaneamente, respondi-me: “Saudades!”. Sou toda gratidão ao professor Alex Viana de Brito, meu orientador, que se dispôs a me dar uma chance de conquista e à maravilhosa banca examinadora a qual tive o prazer de me encantar, seja pelas considerações pertinentes ou pela oportunidade que me permitiram de falar. E àqueles a quem sorri pelas lembranças suas destinadas a mim, amigos que me enviaram fotos, músicas e textos saudosistas por quando um dia se recordavam das saudades as quem destinei: Gabriela Soares, Milena Michele, Janaina Silva, Ilana Alves e minha querida Rejane Nascimento. Sou feliz por tê-las junto a mim! Finalmente, às viagens por onde vivi, senti e não pude ficar. Aos romances distantes e descompromissados, às infâncias, aos encontros e partidas. Obrigado, vida, pelos suspiros que um dia eu tive de chorar!

*“Se quero em tanto mal desesperar-me, não posso, porque Amor e Saudade, nem licença me dão para matar-me”.*

*(Camões)*

## RESUMO

A saudade, embora muito pronunciada e sentida, ocupa lugar mínimo nos estudos e nas problemáticas das ciências sociais no Brasil. Por isso, o seguinte trabalho tem como objetivo compreender em que medida a saudade pode ser pensada como uma ideologia cultural ou provinda única e exclusivamente da consciência pessoal, destacando uma análise antropológica sobre a saudade e buscando compreender, a partir da Fenomenologia de Husserl, a noção de saudade enquanto fenômeno da consciência. Em se tratando de uma pesquisa de cunho qualitativo, optou-se como processo metodológico pela pesquisa bibliográfica de artigos e excertos de publicações o mais possível sobre a problemática da saudade e a consciência saudosa. Com este estudo, pode-se perceber que a saudade é comumente justificada pela razão cultural. Contudo, a partir desta publicação, espera-se que se possa alcançar cada vez mais sensibilidade nas produções científicas e que se possa encantar-se com as vivências do presente muito mais que remoer o passado.

**Palavras-chave:** Saudade; Fenomenologia; Consciência Saudosa; Ideologia Cultural.



## **ABSTRACT**

Saudade, although very pronounced and felt, occupies a minimal place in the studies and problems of the social sciences in Brazil. Therefore, the objective of this work is to understand the extent to which saudade can be thought of as a cultural ideology or derived solely from personal consciousness, highlighting an anthropological analysis of nostalgia and seeking to understand, from the Husserl Phenomenology, the notion of saudade as a phenomenon of consciousness. In the case of a qualitative research, it was chosen as methodological process by the bibliographical research of articles and excerpts of publications as much as possible on the problem of saudade and the longing consciousness. With this study, it can be realized that saudade is commonly justified by cultural reason. However, as of this publication, it is hoped that more and more sensibility can be achieved in scientific productions and that one can be enchanted with the experiences of the present, much more than the past.

**Keywords:** Saudade; Phenomenology; Healthy Consciousness; Cultural Ideology.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 A FENOMENOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>3 A “CAPACIDADE PERFORMATIVA”: A SAUDADE COMO SIGNO CULTURAL E IDEOLÓGICO .....</b>	<b>17</b>
<b>5 A TESE ANALÍTICA DA SAUDADE DE JOAQUIM DE CARVALHO.....</b>	<b>23</b>
<b>5.1 Discussões breves sobre a etimologia da saudade.....</b>	<b>28</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXO 1 – Cronograma das atividades de execução da pesquisa.....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nas sociedades contemporâneas, o tempo pessoal é minimizado em detrimento do tempo social. E a saudade, como condição relativa ao ser e ao tempo, se desbrava como selo pertinente da subjetividade do homem que se perdeu na temporalidade viva e dinâmica da “Modernidade Líquida”, conforme Bauman (2001) nos tem alertado em sua obra homônima.

É evidente o quanto a saudade caminha fluída nos tempos, mesmo contemporânea às literaturas renascentistas e às prosas e cantigas trovadorescas portuguesas as quais lhe foram muito influentes e dramaticamente recitadas. Além do mais, muito presente em canções e poesias cortesãs e de lirismo galego-portuguesas e provençais, imprimindo um ar demasiadamente romântico, sobretudo, no século XIX. É uma palavra que está absolutamente presente, de modo frequente e relacional, no vocábulo português, cuja significação detém de um poder simbólico e cultural extremamente rico para a produção científica nas ciências humanas.

Não se lê um livro clássico ou moderno nem se navega em redes sociais sem encontrarmos estórias saudosas, sejam por imagens, contos ou versos que, à luz da lembrança e da evocação da saudade, sublinha o desejo de um encontro futuro. Significa dizer que a saudade já está inscrita em nossa fala, em nossa memória, em nossos desejos, e falamos sobre ela porque, no fundo, ela nos mobiliza a desviar o foco dos compromissos sociais para a figura interna de nós mesmos.

A saudade, embora muito pronunciada e sentida, ocupa lugar mínimo nos estudos e nas problemáticas das ciências sociais no Brasil, principalmente porque a consideram num campo de saber abstrato e subjetivo, que muito diz respeito à comodidade ao ultrapassado pensamento científico positivista sobre os modos de reconhecimento do homem e do mundo, justificado pela ideia inexequível de uma neutralidade científica que renunciava a subjetividade de quem as próprias compunham.

Portanto, sublinho a precariedade de estudos e publicações científico-acadêmicas específicas sobre o tema em questão nas bibliotecas digitais que estão, a todo o momento, qualificando e aumentando o acesso às pesquisas científicas, tal qual o *Scielo*. Logo, de início, deparei-me com pouquíssimos artigos científicos nacionais que retratam uma correspondência com a saudade, seja sob um viés antropológico e filosófico, seja pelo viés mais comumente da literatura ou análises críticas de exposições fotográficas.

O tema da pesquisa foi pensado a partir das reverberações pessoais e sociais, de cunho psicológico e sociológico, que a saudade incide no homem em sociedade. A

problemática em questão não é como a saudade é socialmente significada, pois, mesmo diante de toda a sua complexidade ontológica e semântica, há um padrão social (e por isso, simbólico) que a define e, de certa forma, a tem como uma representação mesmo que generalista do sentimento.

Essa representação é passível de ser compreendida em Jesus (2015, p. 106) quando nos diz que “se a saudade é experimentada de diferentes maneiras, seu significado se relaciona sempre ao mesmo substrato universal: a perda ou a ausência do ser amado, de um amigo, de uma terra distante ou de um momento vivido outrora”.

Diante do embasamento teórico e metodológico para o estudo da Saudade, pude intuir possibilidades de sentido sobre o fenômeno em questão mediante análises filosóficas e sociológicas que me ajudaram a fundamentar ainda uma contraposição epistemológica entre a Fenomenologia e a Antropologia Cultural, que é, acima de tudo, como bem disse Gilberto Freyre (*apud* DAMATTA, 1993, p. 18), “uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos”.

Fundamentalmente problemática, justamente por escassos estudos sistemáticos, observo que o progresso da reflexão sobre a saudade encontra-se no alinhamento teórico entre a sua natureza fenomênica e o ontologismo cultural. Busquei tratar, portanto, sobre a problemática da saudade, a consciência saudosa e a representatividade da saudade como uma simbologia ideológica e cultural.

A questão a ser pensada é como a ideologia da saudade é articulada 1) pelo que a definem socialmente e 2) pela própria experiência, considerando as lembranças das experiências como parte da constituição do eu e a representação simbólica que a saudade exprime em nossa cultura.

Para compreender o fenômeno saudade e a consciência saudosista diversos autores portugueses, como Afonso Botelho, Teixeira de Pascoaes e Carolina Michaelis de Vasconcelos, puseram em pauta a problemática voltada para o estatuto literário e filosófico 1) sobre os desdobramentos semânticos da palavra, 2) a privatização da palavra e do sentimento, 3) sua consolidação ideológica e 4) a condição ontológica da intencionalidade conscienciosa e a fenomenologia das emoções que lhe dizem respeito.

A problemática de minha pesquisa parte da seguinte pergunta de partida: em que medida a saudade pode ser pensada como uma ideologia sócio-histórica ou provinda única e exclusivamente da consciência pessoal? Para isso, pode-se perceber como objetivos específicos: 1) intuir uma análise antropológica sobre a saudade e 2) compreender, a partir da Fenomenologia de Husserl, a noção de saudade enquanto fenômeno da consciência.

Muitos filósofos e intelectuais galegos empenharam-se em alavancar os estudos sobre a filosofia da saudade numa perspectiva fenomenológico-existencial, assim como Joaquim de Carvalho, dentre eles estão Ramón Piñeiro, João Ferreira e Álvaro Ribeiro. Além disso, recorri-me ao ensaio de Roberto DaMatta, com alguma ajuda de seu pupilo Leonardo Lucena, que me abriram os olhos para uma concepção de saudade à luz da antropologia brasileira.

Interessou-me muito o fato de a saudade ser resgatada à consciência como fato e fenômeno sociocultural que transcende a subjetivação, como um modo de funcionamento reconhecido por nossa cultura como ideologia circunscrita no paradoxo da linguagem. Para isso, ative-me brevemente à interpretação etimológica da palavra Saudade, de modo a ver léxico e semanticamente o que é próprio de sua essência linguística, uma vez que nos denunciará que sentidos topográficos e conceituais estabeleceram seu *enigma*.

No mais, comuns são os cumprimentos hiperbólicos sobre as saudades. Os “Estou morrendo de saudades!” são usados como atribuição da intensidade necessária para reforçar o desejo de encontro por ela. Por isso, a saudade é considerada um apelo ao bem ausente, o ausente adorado, imprimindo suspiros nostálgicos.

A essa evocação mortífera da saudade – “morri de saudade” – responde a tentativa de acabar com ela – “vou matar a saudade” -, a primeira diz da falta, enquanto a segunda pretende suspender sua presença. [...] A saudade não mata, ela mantém vivo quem sofre dela, ela instala o sujeito em seu tempo de origem e destino, ela assegura tanto os limites quanto os sonhos e a imaginação. E também ninguém mata a saudade, mas toda a tentativa de acabar ela a renova, instaura-a de novo. Afinal, “morrer de saudade” é dizer desse doce sofrimento que ela inflige, e “matar a saudade” é tentar livrar dela para a ela melhor se entregar. (TUGNY *apud* JESUS, 2015, p. 8).

Seguindo Leão (1961 *apud* BOTELHO & TEIXEIRA, 1986, p. 329), “a saudade que trouxera, de novo ajudava a partir”, pelas saudades outras de outros, como se a saudade intensificasse, desencadeasse outras mais saudades, porque ela se renova no encontro, e mais, na lembrança que o encontro dá subsídio para evocar ao mesmo passo que tece outras novas memórias para a saudade se arrolhar.

Interessou-me, pois, a escolha da Saudade como tema de estudo por me ser capaz de transpassar as implicações e implicâncias subjetivas nas produções científicas, por eu ser todo e completo saudosista, pelo afeto o qual a saudade e a quem dela se estima se apega, se apossa e não permite se desencontrar. A minha relação com a temática em questão é puramente existencial, em que se destaca o receio de desvencilhar do passado pelo medo da

não permanência dele no futuro; pelo tanto de afeto que me obriga a sentir tão mais forte e visceralmente cada encontro porque amanhã esse mesmo dia possa já não estar mais. A distância da minha família certamente é o principal motivo pelo qual a sinto, a saudade, a somar com as felicidades dos encontros que os acasos me proporcionam com os amores e amados de minha vida.

Em se tratando de uma pesquisa de cunho qualitativo, baseada em fonte de dados passível de ser analisado e discutido, preferi por utilizar-me da pesquisa bibliográfica. Foi necessário, no entanto, o uso de livros, excertos de publicações, ensaios críticos, dicionários, separatas e artigos científicos, para os quais a pesquisa bibliográfica se propõe a entreter-se.

Para que se possa haver uma pesquisa bibliográfica fidedigna é preciso determinar especificamente os objetos, identificar as fontes e tratar criticamente os dados. É preciso, pois, bastante cautela e respeito às referências citadas bem como o modo como se irá manejá-los, a depender, claro, do contexto histórico e época em que foram produzidos e dos interesses sociopolíticos e ideologias de quem os produziu.

Os critérios de seleção dos textos analisados foram: 1) livros e artigos científicos disponíveis online que, mesmo sem aproximação teórica, tinham alguma concordância epistemológica com o objeto investigado; 2) excertos de publicações que não se embasassem profundamente em transcendentalismos filosóficos (em que alguns autores consideram evidente a saudade cósmica e a reminiscência platônica) nem em análises poético-literárias; 3) a exclusão de artigos em outras línguas; e 4) o gerenciamento do tempo disponível para a construção do trabalho.

No primeiro momento da pesquisa foi realizado um “mapeamento” prévio sobre artigos disponíveis online e a leitura dos documentos selecionados como relevantes para uma investigação mais próxima à área da Psicologia e da cientificidade acadêmica. Recorri a ensaios antropológicos pela carência de documentação e embasamento epistemológico no âmbito da psicologia nacional e, logo mais, me fui apresentado a filósofos que me ajudaram com suas referências a colidir e a complementar possíveis ligações críticas com a antropologia, restrita a Leonardo Lucena e Roberto DaMatta, por quem foi orientado.

Ao longo da pesquisa, deparei-me, também, com alguns excertos e artigos filosóficos multisseculares, publicados entre 1606 e 1982, da Coleção do Pensamento Português no livro *Filosofia da Saudade* (1986), selecionados e organizados por Afonso Botelho e António Braz Teixeira.

Entretanto, as referências norteadoras foram retiradas do livro *Saudade* de Samuel de Jesus (2015), pelo qual tive primeiro acesso à filosofia da temática em questão. Tais

referências me indicaram obras de autores portugueses, inclusive Joaquim de Carvalho que usufruiu dos mesmos referenciais teóricos os quais me propus interessar: o *Existencialismo* e a *Fenomenologia Husserliana*.

O método a qual me detenho propriamente nesta pesquisa é o método fenomenológico, advindo do princípio da intencionalidade da consciência. O método da *epochè*, mais conhecido como Redução Fenomenológica, deve ser compreendido, para além de um método, como uma atitude fenomenológica, que consiste no reconhecimento e na suspensão dos *à priori*, o retorno “a coisa mesma”.

Quadros (1963 *apud* BOTELHO & TEIXEIRA, 1986, p. 752) diz:

Logo que Husserl e Heidegger desenvolveram a sua filosofia da redução fenomenológica e da existência, imediatamente a saudade se apresentava à análise filosófica ao mesmo título do que a angústia, o temor, o desespero, a alegria, a esperança, ou com mais títulos ainda, porque a sua complexidade ontológica era muito maior, representando uma síntese de elementos díspares e até contrários. Para o ponto de vista fenomenológico-existencial, a saudade é imediatamente, antes de qualquer consideração metafísica ou teológica, um elemento antropológico, uma vivência, uma realidade essencial do homem cujas implicações importa descrever, perseguir, analisar, compreender.

No entanto, é preciso abrir um parêntese quanto à significação do sentido de *Redução* na expressão referida, uma vez que na melhor de suas interpretações esse termo é visto mais como uma *Recondução* do que uma Redução Fenomenológica, pois o sentido não é de diminuir, mas direcionar ao que imediatamente aparece e/ou se apresenta: **o fenômeno**.

## 2 A FENOMENOLOGIA

Para melhor compreensão do seguinte estudo, esclareço, pois, brevemente, de que filosofia parte a abordagem teórica a qual me propus trabalhar.

A Fenomenologia nasce a partir da Psicologia descritiva de Brentano, forte influência para Husserl, que se preocupa em descrever e não explicar o fenômeno, uma vez que a explicação te afasta da compreensão da experiência, pois o que é “pensado” está no campo das idéias e o “vivido”, no campo dos sentidos. A experiência é significada através da consciência e a visada desta consciência (a *awareness* do fenômeno, o dar-se conta) só é possível visceralmente, através de uma perspectiva imediata e pré-reflexiva que possibilita a descrição da vivência experiencial em detrimento da explicação dela.

A Fenomenologia, fundada pelo filósofo alemão Edmund Husserl, reivindica uma percepção de mundo voltada para o eixo dos sentidos e da tomada de consciência da vivência imediata e estabelece uma nova possibilidade de enxergar o mundo e o homem em sua

existência.

A Fenomenologia chega como uma perspectiva para a Psicologia, de cunho epistemológico filosófico que perdura e alcança pressupostos teóricos que confrontam os princípios positivistas da ciência daquela época. Dito isso, gostaria, pois, de ressaltar que a Fenomenologia não é uma psicologia como/enquanto ciência, mas a atinge no que diz respeito à epistemologia de base, dada a necessidade de um novo método, um modelo rigoroso que não fosse guiado por uma concepção objetivista e pragmática que explicasse o homem a partir do método das ciências naturais. O que significa dizer que a Psicologia Fenomenológica é inspirada na filosofia fenomenológica, voltada para a experiência e para a capacidade que o ser humano tem de orientar sua própria vida de forma positiva para si mesmo e para a coletividade.

Holanda (2011, p.130, grifos nossos) ressalta que a primeira apropriação do termo “fenomenológica” estava mais relacionada a um “*fenomenismo*”, que se prende apenas à descrição do fenômeno e, com isto, dar margem por confundir o objeto com a descrição dele. Todavia, a Fenomenologia atravessa a mera aparência para ter acesso a uma realidade transcendente, mais preocupada com as “significações” dos fenômenos, lidando com o fenômeno a partir dele mesmo e da multiplicidade de sentidos que ele pode alcançar.

O fenômeno é a coisa mesma, a própria vivência acontecendo, o sentido da própria experiência. Ele nunca existe em si, mas sempre para uma dada consciência, no momento em que (se) experienciamos. Uma consciência que é sempre a consciência de algo, o que, logo, caracteriza a intencionalidade do homem, mediante sua liberdade, em sua existência.

A atitude fenomenológica caracteriza-se pela transcendência da consciência, a intencionalidade, o “dar sentido” às experiências no encontro do sujeito com o mundo, com o outro e com ele próprio, de tal modo que se possa compreender a maneira como ele mesmo se compreende. Por isso, a fenomenologia não vai se interessar pelo fenômeno em si, mas pelas significações desse fenômeno para aqueles que o vivenciam.

O intencional a qual me refiro não é no sentido proposital da palavra, mas no que perpassa o modo como o indivíduo está implicado em sua vivência. Essa tomada de consciência, entendida também como uma expansão da conscientização, se caracteriza pela autenticidade de se permitir ser quem se é, ou sobre o que está sentindo no momento presente. Foi a partir dessa transcendência da consciência, consonante com o *aqui-e-agora*, que Perls assinalou que toda fuga em direção ao futuro ou passado é examinada como sendo uma resistência ao encontro que se sucede.



No mais, para além de um método de investigação, a relação epistemológica-filosófica da Fenomenologia me proporciona o saber de um campo teórico que me insinua que é na constituição mútua entre consciência e mundo que a saudade aparece, me levando a entender os princípios ontológicos das experiências sensíveis ao homem a partir de uma teia de possibilidades que tecem as verdades subjetivas que certificam "a significação das vivências da consciência" (ZILLES, 1996, p.12). Ou seja, a fenomenologia das coisas.

### **3 A “CAPACIDADE PERFORMATIVA”: A SAUDADE COMO SIGNO CULTURAL E IDEOLÓGICO**

Ao discorrer sobre saudade, inevitavelmente fala-se sobre cultura e sua influência normativa sobre a formação da personalidade humana, pois como bem nos avisa DaMatta (1993, p. 23), “aprendemos a sentir saudade, como aprendemos a brincar carnaval e a comer feijoada...”.

É comum pensar que o sentimento pertence apenas ao íntimo humano e que não se pode tê-lo fora do campo das abstrações, mas esquecem de percebê-lo como verbo e, portanto, como ação aplicada a contextos sociais e políticos, considerando-o como fenômeno sociocultural pertencente à classe normativa das convenções sociais, em que padrões culturais de emotividade são transmitidos.

Assim como nos alerta DaMatta (1993, p. 25),

Sabemos da contrariedade implícita nesta ideia que desafia a crença moderna segundo a qual as emoções seriam espontâneas e individuais, frutos de estados internos relativamente livres (os sentimentos), pois que ela mostra, com Marcel Mauss, como os sentimentos são produzidos pela sociedade e impostos aos seus membros. Da dor ao riso, do amor ao ódio e do esquecimento à saudade, os sentimentos são marcados e impostos pelo sistema que, tal como acontece com as roupas ou as gravatas, nos informa por que os temos, como devemos usá-los e o modo correto pelo qual devemos ser englobados por cada um deles.

Refletindo sobre a concepção maussiana dos sentimentos, pergunto: os sentimentos produzem a sociedade ou são produzidos e impostos por ela? Produzem-na no sentido de moldar, modelar, normatizar o comportamento humano ou produzidos por ela na medida em que se constitui como signo cultural?

Logo, recorro-me a Roberto DaMatta (1993), que segue a linha de pensamento maussiana e subverte a questão kantiana da “razão prática” sobre a “razão cultural” na análise crítica sobre a saudade, assinalando que a saudade é quem provoca a experiência, não a experiência que determina as saudades. E nesse ponto, Miguel Real (1998, p. 84) concorda quando alega a consciência saudosa não como uma consciência prática, pois “não nasce a

partir da aplicação de juízos morais nem tem um fio pragmático ou utilitário”.

Ao contrário de uma atitude ingenuamente empiricista, que privilegia a experiência individual e psicológica como fonte dos valores, das categorias e da saudade, é fácil descobrir que o peso das palavras se encontra precisamente no conjunto fortíssimo de ideias e atitudes que ela evoca, desperta e *determina*. Descoberta como categoria sociológica e como palavra de profunda “capacidade performativa”, a saudade permite subverter esses argumentos de fundo utilitário, baseados no primado da experiência e no utilitarismo burguês contido numa “razão prática”, para afirmar que não são as experiências individuais e fragmentadas do amor, da viagem e da ausência que constituiriam a saudade, mas, em vez disso, é a existência social da saudade como foco ideológico e cultural, a permitir um revestimento especial de nossas experiências, que faz com que sintamos. (DAMATTA, 1993, p. 20-1, grifos do autor).

A atribuição de uma “capacidade performativa”, ou “expressão performática” conforme o filósofo britânico autor do conceito referido, John Austin, teria caracterizado a saudade, permite que DaMatta relacione a dimensão particular e íntima da saudade a uma proporção social. O autor (1993, p. 23, meus grifos) salienta que A saudade é dada coletivamente. Ela está **dentro e fora** de nós, tal como estamos todos dentro (e fora) de uma imensa saudade coletiva que nos engloba e nos faz hesitar e desconfiar das visões muito positivas do futuro, revelando nosso pendor antiburguês e relacional de sistematicamente idealizar o passado, de confrontarmos sempre negativamente passado e futuro, discutindo pouco o lugar do presente e o presente como lugar.

Marcel Mauss (1981, p. 325) afirma que “[...] todos os tipos de expressões orais dos sentimentos que são essencialmente, não fenômenos exclusivamente psicológicos, ou fisiológicos, mas fenômenos sociais, marcados eminentemente pelo signo da não-espotaneidade e da obrigação mais perfeita”. Logo, completa:

Uma categoria considerável de expressões orais, de sentimentos e emoções nada tem que não seja coletivo. [...] Digamos logo que este caráter coletivo em nada prejudica a intensidade dos sentimentos. [...] Mas todas estas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, [...] uma linguagem. (MAUSS, 1981, p. 331-2).

É preciso considerar que "sentir emoção" é também ação aprendida, usada como códigos controladores da coletividade e, por isso, parte integrante das relações sociais que a própria coletividade a instaurou. Dito isso, ressalta-se o quão a coletividade incentiva os sentimentos como emoções desejáveis ou inconvenientes, o que nos garante que sentir saudade é intrinsecamente humano, embora não um fenômeno natural.

Os padrões de comportamento são transmitidos e aprendidos através da comunicação simbólica, que se processa através de símbolos representativos socioculturais.

Por isso, como signo cultural, introjetamos “inconscientemente” a saudade, conforme nos tem dito Real (198, p. 21): “A saudade estatui-se popular e historicamente de forma inconsciente que desperta conteúdos sentimentais de lembranças harmônicas (sic) de vida”.

A saudade procede de uma *endoculturação*, de uma introjeção social, que remete a um determinismo sociocultural ou histórico-cultural que modela as formas de se perceber homem, ou constrói suas personalidades ou pessoalidades a partir do que foi marcadamente decidido no âmbito social. Em verdade, para a antropologia social, aprende-se a sentir saudade, e isso a coloca num contexto moralista e cultural da sociedade.

Eis, pois, um comportamento aprendido que detém de normas culturais e simbólicas de sentido necessárias ao governo do homem, ao mesmo passo em que “os complexos emocionais assim formados estarão a serviço das diferentes sociedades, como mecanismos avaliadores e controladores da observância ou não observância das normas comportamentais culturalmente constituídas”. (RODRIGUES, 1975, p. 121).

A antropologia das emoções as tem como fato social, cujo desígnio não é “tratar as emoções como estados subjetivos, mas como práticas discursivas permeadas por negociações de poder, assim como chama atenção Rezende e Coelho (2010)” (PÉCLAT, 2013, p. 25), que parecem também levar em conta, assim como Mauss, os sentimentos como um meio sistemático de comunicação e, talvez, por conseguinte, representação subjetiva do “si mesmo” ao outro.

“Rezende (2002) considera que, mais que tratar um discurso emotivo como meio de expressão dos sentimentos, ele deve ser analisado enquanto um conjunto de atos pragmáticos e *performances* comunicativas” (PÉCLAT, 2013, p. 25, grifos do autor), seguindo a lógica antropológica de Roberto DaMatta sobre a experiência dos sentimentos, quando o autor afirma que “a saudade qualifica socialmente eventos, coisas, gostos, pessoas, lugares e relações, independentemente da experiência direta e empírica com eles” (DAMATTA, 1993, p. 22).

A saudade não seria uma categoria explicável pela trajetória que vai dos indivíduos para a sociedade por meio de imposições e de negociações que teriam magicamente se cristalizado numa linguagem e numa memória coletiva como reflexo da experiência empírica da perda. Mas, ao contrário, temos na saudade uma categoria do espírito humano e, dentro dele, da manifestação de certa estrutura de valores ou ideologia. No caso, da ideologia luso-brasileira. Neste sentido, a saudade é um conceito duplo. De um lado ela trata de uma experiência universal, comum a todos os homens em todas as sociedades: a experiência da passagem, da duração, da demarcação e da consciência reflexiva do tempo. De outro, porém, ela singulariza, especifica e aprofunda essa experiência, associando-a a elementos que não estariam presentes em outras modalidades culturais de medir, falar, sentir, classificar e controlar o tempo. (DAMATTA, 1993, p. 22).

Silveira (2007), a fim de compreender como os brasileiros pensam, constroem e expressam para si e para os outros o sentimento de saudade, põe em foco as dimensões sociais da saudade, a preocupar-se em como a delinham coletivamente, desconsiderando a saudade como *mero* desejo individual, ridicularizando a abstração do sentimento como obra apenas da vontade humana.

Influenciado pela antropologia de DaMatta, o autor (2007, p. 71) acredita que a saudade tem uma “característica de exterioridade a toda pessoa que a sente, embora o sentir saudade seja da parte do interior”. Logo, complementa: “Sentimento que existe fora de nós. Mas isso nos soa um pouco contraditório já que o sentimento é algo que aprendemos ser do interior da pessoa, que vem de dentro”. (SILVEIRA, 2007, p. 76).

Rodrigues (1975, p. 4), seguindo a mesma linha de pensamento, acredita que “todo fenômeno psicológico é, em certo sentido, um fenômeno sociológico, na medida em que o mental, por discrepância ou por conformismo, se identifica com o social, e já que, em última instância, o sentido dos fenômenos sociais só pode ser apreendido em intelectos individuais” com os quais o sujeito entra em contato.

A dimensão intrapsíquica continua sendo comungada pelas relações interpessoais e, não obstante, interculturais também, pois a subjetividade (para além da individualidade) alcança e perpassa o campo social em que o homem se faz figura, porque dele sempre se parte uma ideologia que rege o comportamento humano.

Segundo DaMatta (1993, p. 29, grifos do autor), “com a saudade, estamos diante de um problema de configuração e de *ethos*”. A saudade, enquanto categoria sociológica, é produtora de sentido e, por isso, também, de subjetividades, dado o tempo e espaço contextual que a situamos e nos enraizamos como seres culturalmente produzidos.

Como um signo ideológico que demanda uma prática cultural e, por conseguinte, nos diz muito sobre o quão as subjetividades são construídas socialmente, a saudade ao articular a sensação à experiência traz o sentimento da condição estritamente abstrata para uma realidade passível de ser captada pelos sentidos, pois “não são somente expressões de sentimentos; são também, ao mesmo tempo, rigorosamente ao mesmo tempo, signos e símbolos coletivos; e enfim, de outro lado, são manifestações e distensões orgânicas tanto quanto sentimentos e ideias”. (MAUSS, 1981, p. 324).

#### **4 A NOÇÃO DE SAUDADE COMO EMOTIVIDADE E A FENOMENOLOGIA DOS SENTIMENTOS**

Em contrapartida, para analisar a concepção de saudade e poder fazer, de certo

modo, analogia e contestação teórica com a Antropologia Cultural, disponho como outra possibilidade de sentido acerca do fenômeno em questão a compreensão fenomenológica da saudade como representatividade afetiva que transpassa à consciência.

Para a Fenomenologia dos Sentimentos, o conteúdo dos processos psicológicos, seja em relação à sensação, percepção, memória, pensamento, imaginação, emoções, é fundamentalmente construída por uma intersubjetividade e uma interrelação com o campo, quando há uma implicação do eu mediante os sentimentos como atividades intencionais.

Em sentido fenomenológico, devo atentar-me para a apreensão da intencionalidade da consciência do ser saudoso, uma vez que “ter saudade exigirá um complemento. Quem tem saudades, tem-nas de alguma coisa. De algo que já foi e que se desejaria reviver, **até para o viver melhor**”. (LEÃO, 1961 *apud* BOTELHO & TEIXEIRA, 1986, p. 308, meus grifos).

Segundo Ferreira (1963, p.343, grifos do autor), “ninguém poderá sentir *toda* a amplitude da saudade. Poderá, todavia, viver “um” *acto saudoso*, mais ou menos rico de elementos comuns da saudade, mas sempre ausente da gama imensa de motivos saudosos”.

Com isso, o autor acredita na impossibilidade de senti-la em sua grandeza, tanto quanto em sua essência, mas sempre enquanto ato e, por isso, enquanto intencionalidade subjetiva direcionada a um fim. Tanto é que, para Ferreira, a saudade não é um sentimento terminal, que finda, mas um sentir-se faltoso em busca de sua completude, uma falta que provoca uma recordação de afeto.

A pessoa humana não experimenta a saudade senão em determinado grau de consciência da sua situação no mundo, perante as circunstâncias, os seres e as coisas. E ninguém entra na sua intimidade ou subjetividade senão sentindo-se; logo está presente também o sentimento. É condição do sentimento saudoso, sentir-se soedoso, solitário, só, separado, consciente da ausência de alguém que compartilha dos seus anseios, da sua afectividade ou do seu ideal. Por isso, a saudade é um dos sentimentos da situação solitária do homem em relação. (FERREIRA, 1963, p. 347).

Como não há consciência em si (como aparelho psíquico, abstrato, interno a nós), também não há saudade em si, mas a saudade na relação, pois “ao experimentarmos sentimentos, nos vivenciamos a nós mesmos, como seres que vivem em determinada relação com algo” (ULICH, 1985, p.13 *apud* COMIOTTO) ou alguém.

Jesus (2015, p. 46) também acredita que a saudade toma forma a partir da junção da solidão e da ausência, levando, pois, em conta que a consciência eleva o nível de significado da experiência. Mais precisamente, seguindo a linha de pensamento de Manuel Alves Pardinha que o autor identifica, é preciso ter “a consciência da perda” para sentir

saudade. Carl Rogers (1977, p. 91) mesmo alega que “a maior parte do comportamento é regulada em termos de significados percebidos na consciência”.

Samuel de Jesus (2015, p. 64), com uma pegada fenomenológica, ressalta ainda que “para tentar melhor descrevê-la a saudade, é preciso experienciá-la, pois, como todo sentimento que se manifesta no ser, ela permanece profundamente subjetiva, intransmissível em si. [...] Cada experiência permanece privativa de um sujeito”.

A compreensão dos sentimentos se dá sentindo-os e percebendo-se a si mesmo, enquanto todo integrado de excitações corpóreas, pois, seguindo o princípio escolástico, “nada há no entendimento que antes não tenha estado nos sentidos”. A experiência do sentimento e do *ser-no-mundo* só alcança o pensamento e a linguagem na medida em que atravessa a consciência e é passível de ser sentida (antes mesmo de compreendida).

No tocante à saudade enquanto emotividade, lembro PHG (1997, p. 212 *apud* D’ACRI, 2007, p. 82, grifos meus), quando afirma que “uma emoção é a *awareness* integrativa de uma relação entre organismo e ambiente. (É a figura de primeiro plano de combinações diferentes de propriocepções e percepções)”, dada *awareness*, entretanto, como consciência vivida, experiencial e sensorial, que significa o ato de tomar-se conta da sensação, ou melhor, da emergência da necessidade mais nutritiva naquele dado instante.

O autor ainda conclui que “emoções são unificações, ou tendências unificadoras, de certas tensões fisiológicas com situações ambientais favoráveis ou desfavoráveis”. (PHG, 1997, p. 48 *apud* D’ACRI, 2007, p. 83). As sensações sobre o campo perceptual que experienciamos, as inclinações emocionais, intelectuais e sociais, os sentimentos emergidos na fronteira de contato com o mundo e com o outro possuem condições simbólicas de sentido para nos redirecionar a satisfação de nossas necessidades.

Segundo Duarte Júnior (1981, p. 70),

Como já assinalou Sartre: "A emoção não é um acidente, é um modo de existência da consciência, uma das formas pela qual ela compreende (no sentido heideggeriano de 'Verstehen') o seu 'ser-no-mundo'." E ainda podemos afirmar, com Frederick Pearls, que os "sentimentos não são impulsos isolados, mas evidências estruturadas da realidade, ou seja, da interação do campo organismo/ambiente para o qual não existe nenhuma outra evidência direta a não ser o sentimento". Assim, sentimentos são "evidências diretas" da situação, anteriores as compreensões lingüísticas, que fracionam esta situação em conceitos e os relacionam entre si.

No que diz respeito aos sentimentos, ao ato de sentir propriamente dito, não seria, portanto, congruente pensá-los como ordem abstrata de uma dimensão psíquica, apenas. A condição fisiológica a que os sentimentos estão interligados não é, em hipótese alguma,

negada mas que, apesar disso, essa organicidade **não** se sobrepõe, definitivamente, ao enfoque existencial-fenomenológico.

As emoções, enquanto energia existencial e corpórea mobilizadora de nossas experiências, desencadeiam uma multiplicidade de sentidos e significações acerca do que sentimos e vivemos. No que tange ao estudo dos afetos, “o excitação é tanto uma experiência quanto à forma básica de energia orgânica”. (Perls, 1979, p. 200-1 *apud* D’ACRI, 2007, p. 82).

## 5 A TESE ANALÍTICA DA SAUDADE DE JOAQUIM DE CARVALHO

Na introdução de *Elementos Constitutivos da Consciência Saudosa e Problemática da Saudade*, Miguel Real (1998) faz uma breve colocação à filosofia da Saudade, em que alerta o quão é notório a dificuldade sobre a compreensão da saudade sem, a princípio, tomar conhecimento sobre o contexto filosófico nacional o qual sua problemática tomou corpo teórico em Portugal no século XX, uma vez que diz respeito principalmente à relevância e ascensão do imaginário lusófono a um movimento filosófico e político, o Saudosismo.

Século das manifestações saudosistas, pelo romantismo exacerbado que dominara o decurso das artes e da fantasia portuguesa. No século XIX, vários filósofos destinaram-se a mergulhar afundo nas problemáticas constituintes da consciência saudosa, desde a sua expressão idiomática à ontológica. Levando em consideração a ambiguidade presente no termo e no sentido da palavra ponho à reflexão da questão ontológica do ser saudoso como ser que “está e não está”.

Miguel Real (1998) assegura, portanto, três concepções radicalmente divergentes a respeito da consciência saudosa, a serem: 1) as teses ontológicas, 2) as teses histórico-críticas e 3) as teses analíticas. Dentre estas dimensões teóricas, detive-me apenas a considerar a tese analítica de Joaquim de Carvalho, que, segundo Real (1998, p. 7), diz respeito à “consciência da existência da saudade como um sentimento peculiar do povo português, sem que por este motivo a saudade seja instrumento de salvação ou de superioridade de Portugal”. As teses analíticas, segundo Real (1998, p. 43),

[...] negam terminantemente que a saudade possa ser entendida seja como sentimento genuíno e exclusivo do povo português, intraduzível em outras línguas enquanto termo do vocabulário popular, seja que, com base na saudade, se possam retirar consequências teóricas de tipo sagrado ou escatológico ou mesmo de tipo intemporal como, por exemplo, ser a saudade o único sentimento que define toda a nação portuguesa em todos os tempos.

Joaquim de Carvalho foi um autor liberal de bastante representatividade na cultura

portuguesa, que tinha como influência Husserl, Platão, Hegel e Leibniz. Nascido em Figueira da Foz aos dez dias de julho de 1982, formou-se em Direito e Filosofia na Universidade de Coimbra, onde lecionou Filosofia Moderna. Faleceu aos 27 dias de outubro de 1958 em Coimbra, onde se consagrou como figura de grande destaque na literatura portuguesa, deixando como legado sua Fenomenologia da Saudade, demarcando alguns problemas “como o da realidade vital do tempo, o da realidade da mudança e da alteração e o da existência da multiplicidade irreduzível dos seres e das consciências” (CARVALHO, 1998, p. 74) como próprios da consciência saudosista.

Na verdade, para Carvalho (1998, p. 60), “a saudade propõe numerosos problemas, designadamente de filologia, de história literária, de psicologia étnica, de descrição psicológica, de análise filosófica e de interpretação metafísica”. Porém o autor (1998) se atém mais com duas problemáticas sobre a saudade, a serem: 1) a privatização do vocábulo *saudade* ser propriamente do léxico galego-português, “das gentes nativas do noroeste da Península” e 2) o regionalismo da palavra, a saber se a expressão do “estado psíquico” relativo à consciência saudosa se dá unicamente para os portugueses ou se ela é sentida *tal qual* em outras culturas, mais precisamente, como uma “atitude mental também peculiares a luso-galaicos”.

Sua problemática gira em torno da possibilidade de desmistificar a existência da palavra saudade como privativa do léxico galego-português, em vista ser difundida a sua não correspondência nas demais línguas românicas e anglo-saxónicas. Ou como quando Botelho (1990, p. 154) nos diz: “o problema parece reduzir-se às menores proporções de uma polémica acerca da palavra e da sua específica raiz portuguesa”.

Carvalho (1998, p. 68-9) não despreza a possibilidade de que não possa mesmo haver correspondência da palavra nas demais línguas românicas, nem tão pouco nas anglo-saxónicas, colocando essa questão até como uma problemática que alavancou os estudos sobre a saudade.

Assim posta a questão, bastam os dados elementares da psicologia da vida afectiva para inculcar que a saudade é um acontecimento psíquico susceptível de se dar no espírito de qualquer ser humano. Pode a consciência de uns ser mais sensível que a de outros à inadaptação das circunstâncias, ao contraste das situações vividas, à distanciação do mundo ambiental, ao recolhimento sobre si mesmo, à privação de bens ausentes e ao desejo de bens futuros; não obstante, é da própria natureza da vida emocional e da temporalidade da constituição espiritual o sentimento de conformidade ou desconformidade das situações sucessivamente vividas, e conseqüentemente a possibilidade do contraste da vivência de uma situação actual com a recordação da vivência ou das vivências de situações anteriores. (CARVALHO, 1998, p. 69-70).

A Saudade, contudo, não é a única palavra de difícil tradução intercultural. De



acordo com a Folha de S. Paulo, jornal brasileiro de maior circulação e referência no país, em uma publicação online de 23 de junho de 2004, a *British Broadcasting Corporation* (Corporação Britânica de Radiodifusão - BBC londrina) compilou uma lista das dez palavras de mais difícil tradução com opiniões de mil tradutores profissionais em que destacaram a palavra “saudade” como a **sétima** palavra mais difícil de ser traduzida para outros idiomas.

Para a constituição da consciência saudosa, Carvalho (1998, p. 61, grifos do autor) achou mais pertinente redirecionar a problemática do “por que se é ou está saudoso, ao *de que* se é saudoso e ao *como* se é saudoso”, uma vez que “o “porque” remete para o circunstancialismo do presente; o “de que” remete para a vivência do passado; o “como” remete para o modo pessoal porque, em função da personalidade pessoal, vivemos a **saudade**”. (REAL, 1998, p. 81, grifos do autor).

O autor, claramente, demonstra sua referência fenomenológica, atentando-se à descrição subjetiva do fenômeno ao invés da explicação dele, que só atrairia olhares para infundáveis definições racionalistas (uma vez que explicações demandam outras mais explicações) que, em certa medida, não conduziriam para o âmago da experiência.

Seguindo a linha de pensamento fenomenológico sobre a intencionalidade da consciência que demarca o campo íntimo e o sentido existencial do sujeito, Carvalho (1998, p.61, grifos do autor) afirma que

a saudade dá-se *em* e é sempre *de* algo, isto é, o acontecer da saudade é um acontecer que a consciência íntima pode comunicar mas não transferir para outrem, e cuja vivência se acompanha da presença espiritual de seres ausentes ou de circunstâncias e estados transactos.

Segundo Jesus (2015, p. 50), Carvalho tem percebido a consciência saudosa mediante o verbo latino *assere*, na qual distingue dois modos de percepção do ser, a depender

1) de sua própria consciência individualizada e 2) àquela própria da relação intencional com o objeto de desejo faltoso, no qual constituirá “uma das prerrogativas essenciais que acompanham o nascimento da saudade, representação consciente sem a qual o objeto perde todo o seu valor existencial”: a necessidade de uma representação do objeto ausente.

Carvalho aponta de, um lado, a percepção conscienciosa do sujeito e, por outro, a intencionalidade da consciência com o objeto de desejo, de “cuja falta suscita a representação de algo ausente acompanhada do desejo de a tornar a ver ou reviver com a actualidade”. (CARVALHO, 1998, p. 63). Nas próprias palavras do autor,

[...] a saudade, com efeito, nasce do contraste que a consciência estabelece entre duas realidades: a que é dada pela **percepção actual** e a que é dada pela **evocação**

**retrospectiva.** A percepção actual dá a realidade que se vive, e a evocação, a realidade que se viveu, cuja projecção sobre a realidade actual estabelece como que a medida da perda que se sofreu e se desejaria recuperar. (CARVALHO, 1998, p. 63, meus grifos).

Para Real (1998, p. 83), “a “evocação” constitui o termo fulcral do pensamento fenomenológico de Joaquim sobre a saudade [...] Porém, a realidade vivida “evocada” pode não ser uma fiel e exacta imagem da realidade outrora vivida, mas a representação emocional dessa vivência passada”.

Distinguindo *evocação* de *invocação*, Real (1998, p. 83) afirma que “a “evocação” não respeita a realidade exterior objectiva do passado trazida pela memória, mas apenas o modo íntimo, subjectivo, pessoal; por que eu sou sentimentalmente tocado por essas recordações”. Do latim *evōco* que significa *mandar vir alguém*, a evocação a qual Carvalho acertadamente nos adverte indica o ato de puxar de dentro pra fora, “tornar presente pelo exercício da memória ou da imaginação”, segundo o próprio dicionário Aurélio significa **evocação**.

Segundo Joaquim de Carvalho (1998), a saudade acaba ganhando conotação de uma “projecção sobre o presente, ou seja, a representação da ausência como perda ou privação, além do tempo vivido” (CARVALHO, 1998, p. 63). Com isso, o autor parece usar “projecção” como sinónimo de “representação”, pois quem projeta planeja, e quem planeja idealiza, representa, simboliza.

A complexidade da problemática saudosista acaba sendo, por sua vez, devida principalmente à sua singularidade ontológica, que defronta o desejo no tempo e espaço a qual permite ao sujeito perceber-se incompleto mediante o seu objeto desejado. É, pois, levada em consideração a distância geográfica o qual separa o sujeito do “objeto” de desejo e o “tempo subjectivo em que o sujeito consciente dessa falta recorre a sua imaginação num tempo presente, actual” (JESUS, 2015, p. 73).

Segundo Real (1998, p. 79, grifos do autor), Joaquim de Carvalho afirma “que a saudade emerge de um certo vazio do presente face à completude de um estado íntimo passado, vivido ou intensamente desejado, considerado paradisíaco à consciência”. O sentimento saudade desencadeia uma série de sentidos em nossas vidas à medida que é experienciado por uma relação existencial e ontológica de conflito entre tempo e espaço. O tempo do ser saudoso é conflitante, é passado e futuro movendo-se ao mesmo tempo pelo afeto e desejo causado por sua memória pessoal no tempo presente, agora pensado inoportuno frente à evocação das lembranças de experiências significativas.

Carvalho (1998, p. 72-3, grifos do autor) salienta o quão

É, pois, um problema ontológico, e este problema procede o facto de na saudade se dar, a um tempo, o ensimesmar-se e o exsimesmar-se, ou por outras palavras mais adequadas ao sentido noético, a apresentação actual de um estado ou de uma situação indesejável ou menos agradável, e a representação de um estado, de uma situação, de objectos ou entes conhecidos em experiência transacta e que se desejariam revivescentes com vivida comunhão afectiva.

No entanto, segundo o autor (1998, p. 63), “a consciência saudosa nem prolonga o presente que ela vive nem antecipa o futuro que ela deseja; a temporalidade que lhe é própria é retrotensa e não protensa”, voltada para trás, para o passado, e não a prolongar-se para adiante. Enquanto para Botelho & Teixeira (1986, p. 394), “a dinâmica da saudade é retrotensa e protensa, mas também intensa”.

Segundo Real (1998, p. 82), “o que foi vivido é hoje, não cruamente apresentado na sua circunstancialidade própria, mas representado afectivamente na consciência”. A carga afetiva reside na memória pessoal, presente como dimensão do tempo desvalorizada pela consciência face à evocação do passado, uma vez que

[...] o estar saudoso exprime psicologicamente um estado em que a consciência opõe ao que lhe é dado na experiência patente a preferência de algo já vivido e ausente. O passado é representado em conexão de algo actual e presente, cuja dimensão afectiva é inferior à dimensão afectiva do passado representado. (CARVALHO, 1998, p. 62).

Não há saudade se o sujeito está implicado de maneira autêntica e congruente com a sua realidade presente, e não se amargurando pelas vontades e desejos que, um dia, o satisfizeram. “A saudade não se dá se a consciência vive plenamente o mundo que lhe é dado e a totalidade da experiência anteriormente vivida flui na situação presente, sem contraste nem desvios”. (CARVALHO, 1998, p. 70).

Carvalho (1998), a fim de saber o que é próprio da consciência saudosa, elenca três elementos constitutivos da saudade: 1) o ser subjetivo ou *eu pessoal*, 2) os seres e situações postas como já vividas e 3) a correspondência do sujeito com tais seres e situações. Ou seja, demarca-se o sujeito egóico, o campo situacional ou experiência vivida e a representação do sujeito frente à sua própria experiência com o outro.

Segundo o autor (1998, p. 62, grifos do autor), “somente a consciência formada, isto é, polarizada em torno do *eu pessoal*, pode ter saudades, e a razão procede da circunstância da consciência saudosa se inserir e compenetrar do tempo vitalmente vivido”. Porque a consciência é sempre *de* e, com isso, implicitamente, já se reconhece que há um sujeito capaz de, em seu campo perceptivo, dar-se conta.

## 5.1 DISCUSSÕES BREVES SOBRE A ETIMOLOGIA DA SAUDADE

Carvalho (1998, p. 71, grifos do autor) nos explica que com o método fenomenológico da condição saudosa pode-se perceber algumas características próprias da **saudade**, a ver a “nolontade” (ausência ou adormecimento da vontade) e o gosto pelo “isolamento”. Segundo o autor (1998, p. 88, meus grifos), “a saudade **isola** o seu sofredor”. E isso, em parte, provém da própria etimologia da palavra, que tem

[...] por étimo longínquo o adjectivo e advérbio latino *solu*, o que equivale a dizer que nele flui a ideia de *estar só*. A ideia de *estar só*, porém, tanto pode ter sentido tópico, reportando-se ao sítio em que se está, como sentido psicológico, relativo ao estado de alma de se sentir só, pelo que o termo genérico *solu* se explicitou na particularização das ideias que exprimem o sentido da solidão e solitude. (CARVALHO, 1998, p. 67, grifos do autor).

Surgida na época do português medieval derivada de *soledade* (solidão), da forma arcaica *suydade*, a Saudade é mais comumente traduzida por “eu sinto sua falta”, correspondente ao *Tu mi manchi* na Itália, *ich vermisse dich* na Alemanha, *tu me manque* na França, *I miss you* nos EUA, ou mesmo *Homesick*, que significa em tradução livre “doença da casa”, remetendo a volta para casa, a um *Mal Du Pays*, saudade de casa, saudade da Pátria, podendo, no entanto, reaver o desejo de anunciar nem sequer a saída dela; a incapacidade de sair de seu lar.

No entanto, há controvérsias sobre a etimologia da palavra pelos próprios estudiosos portugueses. À parte a etimologia **latina** ainda nos é apresentado outra vertente etimológica sobre a origem da saudade: a **árabe**, que o brasileiro José Antônio Tobias inclinou-se por se aproximar devido às nuances depressivas que lhe tomam sentido e significado na figura romântica do ‘coração ferido’.

Segundo Freitas (2014, grifos do autor), a mudança fonética dos termos galaico-portugueses primitivos da saudade (*soedade*, *soidade*, e *suidade*) foram devidas justamente à fusão dos termos árabes *suad*, *saudá* e *suaidá*, o que se aproxima do que Carolina de

Vasconcellos nos tem alertado quando fala que “a mudança do ui para o au em saudade supõe ser dada, em parte, à palavra *sauda* (melancolia), sofrimento hepático, depressão, dor do coração”. (JESUS, 2015, p. 79).

Se as raízes gregas da melancolia designam acima de tudo uma deficiência da atividade biliar – a célebre bile (*khole*) negra (*melas*) –, a saudade, por sua vez, recomendando-lo, localiza-se no coração, se considerarmos que sua raiz deriva do nome árabe *sauda*, que designa uma dor no coração. (JESUS, 2015, p. 79, grifos do autor).

Joaquim de Carvalho explicita os dois sentidos, tópico e psicológico, relativos à

derivação de *estar só*, proveniente da origem etimológica e semântica da saudade. Segundo o autor (1998, p. 67, meus grifos), “o apuramento desta etimologia mostra que *soledade* e *saudade* remontam à ideia de isolamento e à do espírito refluir sobre si mesmo”, trazer a consciência de si à tona.

Diante de sua complexidade semântica a qual se encaminha para o mesmo sentido de solidão possível, há de se pensar que ontologicamente a saudade se encontra no sentir-se solitário, na sua condição solitativa. Recorrendo a Carl Rogers (1977, p. 91, grifos do autor), percebo que

Sentir-se solitário é o distanciamento do homem em relação a si mesmo, a seu organismo em vivência. O organismo que vivencia capta um certo significado na experiência, porém o *self* consciente agarra-se rigidamente a outro, já que este representa o caminho através do qual obteve amor anteriormente.

A vivência da saudade “[...] implica uma viva aspiração de companhia. O homem não sente a solidão quando não está só - o que sente é a saudade” (MAGALHÃES, 1954 *apud* BOTELHO & TEIXEIRA, 1986, p. 266), pela justificativa de que ela nasce no encontro e se renova nele próprio, pois dizer que sente saudade subtende-se pôr fim a ela com o desejo do encontro da coisa faltosa.

Carvalho (1998, p. 60) percebe, portanto, o ser “saudoso como ser ensimesmado e distante do que o circunda” e descreve a saudade como ato emocional, “como consciência íntima, que é a consciência que se sente solitária e desamparada” (CARVALHO, 1998, p. 62), fazendo jus à própria etimologia latina da palavra.

A posição saudosa é ensimesmada e contemplativa, que se refere ao *si mesmo*, subjetivo, que se volta o pensamento para dentro, inclinado para trás, egoístico, e que se diferencia do tédio porque esse pensamento para o passado não é vago, é desejoso, além de que o tédio tem uma predisposição contemplativa do presente voltado para o futuro. Enquanto o ex-simesmar-se indica o para além de si em direção ao outro. A observação introspectiva, voltada para o *eu*, para o *self* e a observação extrospectiva, pela narrativa das experiências.

O autor (1998, p. 64) acredita que:

[...] a saudade não é a captação sensível de uma realidade extramental, nem a emanção de existências ideais ou irrealis, nem tão pouco a criação fantasista da pura subjectividade, porque é um estado que se constitui a partir de uma situação presente mediante a representação de entes ausentes ou de situações anteriormente vividas com plenitude ou vitalmente imaginadas.

Destrinchando minuciosamente essa citação de Carvalho, pode-se denotar que, para o autor: 1) a consciência saudosa não depende da apreensão de uma realidade objetiva, que está para além do sujeito, e isso é o âmago de sua teorização fenomenológica da saudade,

como se o sujeito fosse desolado de um campo social e, portanto, não fosse possível a representação *coletiva* de saudade; 2) a saudade não é uma idealização de um desejo, embora eu ainda acredite na possibilidade de concretização do desejo como fim único da saudade; 3) e este ainda segue a linha de pensamento do segundo ponto, em que se estabelece uma problemática da saudade como uma não-fantasia. E, aqui, imprimo, pois, mais atenção porque toda consciência saudosa deveras é produto da imaginação. A saudade deriva e é derivada de um desejo/afeto do sujeito que está implicado subjetivamente com o mundo, com o campo perceptivo que dá luz à imagem do *self*, em que o desejo da coisa faltosa condiz com a “antecipação imaginária” da situação real; 4) e, por fim, o uso que Carvalho faz de “representação evocativa” do vivido, o qual percebo como re-presentificação revelada à consciência.

Logo, emendo outro questionamento a despeito do que Real (1998, p. 48, grifos do autor) nos diz sobre Joaquim a partir da seguinte citação:

Munindo-se do método fenomenológico de E. Husserl, J. de Carvalho analisa despreconceituadamente este conceito, tomando-o não como realidade histórico-literária, mas como “ser da consciência”. Assim, J. de Carvalho nega a possibilidade de se fazer uma ciência da saudade, já que o mundo físico e os objetos corpóreos não são passíveis de emanar saudade: só a consciência pessoal é possuidora de saudade. Assim, este sentimento presente à consciência é um sentimento **evocativo**, triste, melancólico, sentido subjectivamente, e, como tal, não se manifesta por actos fisicamente expressivos, nem é possível de ser transferido para outra consciência.

Pode-se perceber mediante a seguinte citação alguns pontos a serem desdobrados:

1) a possibilidade da não-ciência da saudade a qual Carvalho acredita, como se continuasse a seguir as rédeas do positivismo lógico e enquadrasse o sentimento numa categoria alegórica de abstração, esquecendo, pois, o que há mais de concreto nele: o sensório-corpóreo enquanto comportamento; 2) a contraposição à concepção antropológica de saudade como ideologia cultural e, por conseguinte, como consciência social de uma saudade que só é descortinada na historicidade da narrativa, senão por uma subjetividade (diferentemente de individualidade) que é construída coletivamente; 3) a de que a saudade só emerge na consciência pessoal de cada indivíduo, dimensão imanente que torna fundo as implicações sociais e políticas que a reconhecem como expressão cultural; 4) e, por fim, a impossibilidade de a saudade ser manifestada pelo mundo físico e os objetos corpóreos, quando, na verdade, os objetos são bens simbólicos expressivos de nossa identidade e personalidade e, portanto, capazes de alcançar locuções emocionais, pelos traços representativos de uma exterioridade que, a partir de flechas mnêmicos, se refere sempre ao outro.

Estranho Real (1998, p.80, grifos do autor) conferir que “a **saudade**, sendo de

ordem psicológica, não se manifesta por expressões corporais. Assim, nenhum sinal ou comportamento físico é passível de ser identificado com o sentimento saudoso”. E logo, inscreve a alegria associada ao riso; a mágoa aos soluços e lágrimas; a tristeza às expressões de aflição e abatimento; a consciência apaixonada à ânsia nervosa de viver o presente; a consciência erma às expressões de solidão e desamparo; a consciência melancólica ao *ensimesmamento*, cuja expressão físico-psicológica aproxima-se mais da saudade.

Significa dizer que não é possível uma expressão física da saudade porque não se é capaz de reconhecer o *humore* preciso na fisionomia facial de quem a sente. A saudade, ora dolorida ora prazerosa, se inscreve na ambivalência de ânimos já tão perceptivamente definidos como qualidades próprias *per si* que a expressão da saudade acaba por ser apenas equiparadas a qualidades outras, como se ainda continuasse sendo um “estado de espírito indefinido”, “neuro”, aquém de sua identificação fisionômica e não da expressividade sensorio-corpórea, a depender apenas do significado afetivo lhe atribuído. Falado isso, o afeto redireciona a saudade para o estado psicológico e emocional que lhe for mais conveniente a sua experiência vivida.

Carvalho (1998, p. 75) acredita que:

[...] a significação suprema da saudade consiste em conduzir o pensamento a interrogar-se e a interrogar a existência vivida e a viver, perceptível e desejável, na sua expressão concreta, e não meramente abstracta e menos ainda como espectáculo de que a mente e o coração humanos sejam meros espectadores, passivos e indiferentes.

“Cair em si é cair dentro de si, é assumir, relativamente ao que está de fora, a efectiva realiza do *sui*, que é o próprio do eu enquanto o eu sabe, não só do outro, mas de si mesmo enquanto *sui*”. (BOTELHO & TEIXEIRA, 1986, p. 379), que muito diz respeito à atenção rebuscada para dentro de si, em que toma o sujeito ciente dele mesmo.

Interessante, pois, pensar como Botelho e Teixeira (1986, p. 378, grifos do autor) que

O *sui*, que suporta e garante a suidade, apesar da forma corrente de saudade, é o mesmo que suporta e garante o implícito juízo na palavra (e conceito) de suicídio. Saudade é o acto pelo qual o eu a si mesmo se conhece, ou, ainda de outro modo, é o objectivo conhecimento que o subjectivo eu tem de si mesmo. (BOTELHO & TEIXEIRA,

Em vista que o *sui* tende a “voltar-se a si mesmo”, no sentido etimológico do latim a qual lhe é revisto, demonstrando e confirmando-nos que a saudade nem sempre é para um outro ou de um outro, mas para um *eu* pessoal e social (e por isso não se pode negar ainda o outro como parte da relação narcísica) que almeja e carece das outras possibilidades dele

mesmo que se perderam na liberdade e angústia de suas escolhas existenciais outras. No caso, por-se-ia em questão a saudade de si no encontro com o outro.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a fluidez recorrente da “modernidade líquida”, precipitou-se por arcar com o imediatismo das coisas e dos fenômenos no mundo. A vivacidade imediata das experiências que em tempos contemporâneos o homem há de se cumprimentar com deveras saudades “exprime as lembranças tristes da vida, mas também suas esperanças imperecíveis” (Joaquim Nabuco, 1909 *apud* DAMATTA, 1993, p. 28, grifos do autor). A temporalidade saudosista, necessariamente ontológica, permite experienciar o passado no momento presente.

Da complexidade semântica à ontológica, a problemática da saudade transcorre por valores morais e sociopolíticos à mercê das enunciações enigmáticas sobre o tempo e seus efeitos sobre as experiências humanas. Todos os que se dedicaram a esclarecê-la levam-na mediante a mesma questão, um mesmo sentimento, o de **solidão**, dando a entender que o sujeito saudoso é aquele solitário. Não significando, portanto, apenas isso: não bastando apenas estar-se só. Haverá de amar, primeiro. Haverá de apartar-se do objeto por quem mantém afeto.

A expressão saudosista é representada socialmente como um oxímoro, e por isso, ainda, se engrandece e justifica a sua ambiguidade: a lembrança de um passado ainda muito presente, quando se põe em relevo o notório clichê da expressão paradoxal “a presença da ausência e a ausência da presença”.

Fato é que, como signo característico de uma cultura (o que não significa que seja marco exclusivamente dela), a saudade tem se estabelecido como um *habitus* de um povo, socialmente incorporado. Longe de tê-la apenas como um sentimento interno, subjetivo, da experiência vivida, a saudade é, antes de mais, um signo sociocultural e ideológico que perpassa no homem e o influencia a modos de ser e estar no mundo.

Sabendo que há um significado pessoal e, outro, cultural que evidencia as especificidades socioculturais e históricas da construção dos significados sociais e das variações lexicais, por um lado, a saudade assegura uma simbologia esotérica, sentimento introspectivo, subjetivo e íntimo; enquanto, por outro, um signo social presente na memória coletiva de um povo, caracterizada, em ambos os casos, pela tendência de privilegiar o passado.

Se a saudade demanda um modo de ser saudoso, a subjetividade a qual ela a revela é de toda uma subjetividade “[...] que nos acusa de não havermos estimado,



aproveitado e efusivamente reconhecido o bem que possuíamos”. (VASCONCELLOS, 1996, p. 64-5, grifos do autor).

É preciso ressaltar, pois, que a Saudade aqui associada ao infortúnio das circunstâncias, ao sentimento de tristeza propriamente dito, é devido às impressões políticas e literárias portuguesas. No Brasil, no entanto, autores como Tobias a defendem numa posição mais de regozijo e prazer.

Percorrendo todo esse trajeto antropológico e caminhado, do mesmo modo, à luz da fenomenologia, pode-se perceber uma duplicidade de sentidos sobre a experiência da saudade, no que concerne primeiramente no questionamento sobre a saudade preceder ou anteceder a experiência. Logo, atento-me para Hegel, que alega que a consciência não determina a existência, mas a existência determina a consciência. Ou até mesmo Sartre, que se posiciona a favor de uma existência precedente ao pensamento.

A saudade é comumente justificada pela razão cultural. Quando se diz que “a experiência não faz a saudade” renega-se a vivência pessoal presente frente às racionalizações simbólicas e sociais ao mesmo passo que quando dito que “a saudade não faz a experiência” acaba se distanciando do pensamento de que a lembrança do passado não lhe é válida para uma direção futura. E é aí que talvez esteja a aproximação, ou melhor, a contraposição mais óbvia entre a antropologia cultural e a fenomenologia intencional.

A saudade, por mais que ganhe um peso significativo de ideologia política e cultural que tem ganhado formas estruturantes de sentido pessoal, não é um fenômeno que nasce por si só, que tem surgido abstratamente e evocativamente apenas como mito sociológico, mas a depender também da experiência subjetiva de quem resente a sua significação. Não basta o signo, há de haver sentidos outros para ele.

A Saudade é socialmente construída pela relação óbvia e contínua que o homem tem com algo ou alguém, implicando significado as suas experiências e atribuindo sentido a sua existência, sendo, portanto, representada pelos excitamentos, através da palavra e da linguagem, que o signo cultural é capaz de manifestar no homem.

Para além das experiências individuais validarem ou não a existência social, acredito que as experiências pessoais fazem valer a saudade num contexto social que depois veio a tornar-se ideológico e cultural. É certo que Marcel Mauss e Roberto DaMatta põem foco amplificado no sentido sociológico da saudade, no que até associa a Vygotsky (1998) que percebe a consciência como exclusivamente social. Mas não posso fazer-me ingênuo a ponto de negar que ela perpassa num campo da individuação do sentimento como fenômeno que escapa a interioridade da psique humana.

Todavia, a Fenomenologia se aproxima da Antropologia Cultural no tocante à intencionalidade da consciência ser perpassada por relações de poder e, em certa medida, de Mauss (1981, p. 325) também quando o autor afirma que “tudo se passa num mundo em que a natureza psíquica como natureza moral e, mais precisamente, social é soberana do corpo”.

No mais, a correspondência da saudade em japonês *aware* permite-me fazer analogia com a *awareness* fenomenológica, dada a condição consciente e intencional da consciência na experiência presente, como quando Jesus (2015, p. 140, grifos do autor) ressalta:

Para Claude Lévi-Strauss, a experiência da saudade, como seu equivalente japonês *aware*: “[traduz] uma experiência atual. Seja pela percepção, seja pela rememoração, os seres, as coisas, os lugares são o objeto de uma tomada de consciência impregnada do sentimento agudo da sua fugacidade”.

## 7 REFERÊNCIAS

BOTELHO, Afonso. Introdução. In: *Da Saudade ao Saudosismo*. Lisboa: Biblioteca Breve, v. 118, 1990.

\_\_\_\_\_. O Saudosismo como Diálogo Filosófico. In: *Da Saudade ao Saudosismo*. Lisboa: Biblioteca Breve, v. 118, 1990.

\_\_\_\_\_. Saudosismo como Movimento. In: *Da Saudade ao Saudosismo*. Lisboa: Biblioteca Breve, v. 118, 1990.

CARVALHO, Joaquim de; REAL, Miguel. Elementos Constitutivos da Consciência Saudosa e Problemática da Saudade precedidos de uma Introdução à Filosofia da Saudade no século XX (texto integral). 2. ed. Editora: Lisboa, Lisboa, 1998.

COMIOTTO, Mirian Sirley. *A Fenomenologia dos Sentimentos nas Vivências Relacionais*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-graduação em Educação.

D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila. *Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"*. São Paulo: Summus, 2007.

DAMATTA, Roberto. Antropologia da Saudade. In: *Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados; Uberlândia, MG: Universidade de Uberlândia, 1981. (Coleção educação contemporânea).

FERREIRA, João. A saudade, nova dimensão psíquica do homem. Publicado na *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, n.º 9, 1963. In: BOTELHO, Afonso;

JESUS, Samuel de. *Saudade: Da poesia medieval à fotografia contemporânea, o percurso de um sentimento ambíguo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

PÉCLAT, Gláucia Tahis da Silva Campos. Fotografias e Emoções: saudades e esquecimentos. *TEXTOS&DEBATES, Boa Vista, n.20, p. 22-38, jan./jun. 2013*.

TEIXEIRA, António Braz (Org.). *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Pensamento Português; Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1986.

LEÃO, Francisco da Cunha. Saudade e acção. Excerto do cap. X de *O Enigma Português*, Guimarães Editores, Lisboa, 1961. In: BOTELHO, Afonso; TEIXEIRA, António Braz (Org.). *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Pensamento Português; Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1986.

QUADROS, António. Teixeira de Pascoas e a filosofia da saudade. Publicado no *Diário de Notícias*, de 24 de Janeiro de 1963. In: BOTELHO, Afonso; TEIXEIRA, António Braz (Org.). *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Pensamento Português; Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1986.

REAL, Miguel. Introdução à Filosofia da Saudade no Século XX. In: CARVALHO, Joaquim de. *Elementos Constitutivos da Consciência Saudosa e Problemática da Saudade*. 2. ed. Editora: Lisboa, Lisboa, 1998.

ROGERS, Carl R.; ROSENBERG, Rachel Lea. Ellen West – e solidão. In: *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU, 1977.

SILVEIRA, Leonardo Lucena Pereira Azevedo da. *Em busca do tempo querido: um estudo antropológico da saudade*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

VASCONCELLOS, Carolina Michaelis de. *A saudade portuguesa: divagações filológicas e literar-históricas em volta de Inês de Castro e do cantar velho Saudade minha – Quando te veria?*. Edição da Renascença Portuguesa. Coimbra: Guimarães Editores, 1996.

ZILLES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. In: HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs. 2002.

